



Instituto de Letras - IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL

Letras - Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana

Maryelle Almeida de Sousa

MALINCHE E UMA ANÁLISE DE SOBREVIVÊNCIA

Brasília-DF
2023



MARYELLE ALMEIDA DE SOUSA

MALINCHE E UMA ANÁLISE DE SOBREVIVÊNCIA

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito para aprovação como Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.

Orientador (a): Prof^ª. Dra. Anna Herron More

MARYELLE ALMEIDA DE SOUSA

MALINCHE E UMA ANÁLISE DE SOBREVIVÊNCIA

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito para aprovação como Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana, orientada pela professora doutora Anna Herron More.

BANCA AVALIADORA

Profª. Dra. Anna Herron More (TEL/UNB)

(Orientador (a))

Prof. Dr. substituto Albeiro Mejia Trujillo (TEL/UNB)

(Membro)

Prof. Dr. Paulo Thomaz (TEL/UNB)

(Membro)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, à minha líder religiosa, Maria Aparecida, aos meus pais, Josina e Pedro Elton e ao meu esposo Denilson por todo o incentivo e ajuda para que isso fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pela minha vida, pela oportunidade de estar cursando uma graduação e por ter me dado saúde, ter me ajudado, dado coragem, força, ânimo, sabedoria, inteligência e o melhor, por sempre estar comigo e ser meu alicerce em todos os momentos da minha existência. Sem Ele nada disso estaria se realizando, pois, em todo momento é e continua a ser o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço também a minha líder religiosa, Maria Aparecida, por sempre ter os melhores e mais aconchegantes conselhos, por ter me incentivado a nunca desistir e ter aberto meus olhos para a grande dádiva do que é cursar um nível superior. Aos meus pais, mas em especial a minha mãe por me ajudar em todos os momentos desse processo e em especial no final da graduação. Ela tem me ofertado uma ajuda inesquecível para que eu pudesse realizar com êxito todas as atividades que envolveram essa dissertação. Seus feitos são muitos, gratidão mãe por toda luta e incentivo a buscar os meus objetivos.

Essas linhas são poucas para que eu expresse minha alegria e agradecimentos a minha mãe que em meio ao caos de sua infância lhe foi tirado o direito de estudar, em alguns momentos devido a sua ignorância chegou a pensar que todo esse mundo universitário fosse perda de tempo, mas devido a muitas conversas e ao ver o tanto que cresci como pessoa ela percebe o quão importante e transformador pode ser o conhecimento nas nossas vidas.

Gratidão ao meu esposo, Denilson, que sempre esteve ao meu lado nos melhores e piores ocasiões, pelas noites sem dormir e por seu apoio em cada situação que não havia ninguém para responder as minhas indagações. Sou grata por tanto cuidado, por tanto zelo, pelos incentivos e palavras de afeto durante esse longo percurso. Sua compreensão nos momentos que eu estava ausente foi de suma importância para nosso crescimento pessoal. Obrigada por sempre me fazer lembrar de quem sou e o valor que tenho.

Sou grata a todos os amigos que direta ou indiretamente participaram da minha formação, a minha orientadora, a essa universidade e seu corpo docente por oportunizar a janela que hoje me vejo vislumbrando um horizonte superior, digno pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes, meu muito infindo agradecimento.

EPÍGRAFE

“Esa niña estaba destinada a perderlo todo, para encontrarlo todo. Porque solamente alguien que se vacía puede ser llenado de nuevo.”

Laura Esquivel

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar o processo de sobrevivência de Malinche, uma grande figura que fez parte da conquista do México pelos conquistadores espanhóis. Ela era uma indígena da Costa do Golfo do México e enfrentou diversos desafios de sobrevivência durante seu percurso de vida. Pretende-se nessa escrita perceber o contexto em que essa jovem nasceu até o período da chegada dos espanhóis à terra conhecida como Tenochtitlán, detalhar de forma breve a defesa da imagem de Malinche nos tempos contemporâneos e expor fatores fundamentais que fizeram com que essa figura feminina ganhasse voz por intermédio de grandes historiadores e escritores e que sua imagem repercutisse positivamente até agora.

Palavras-chave: Malinche. Jovem indígena. Sobrevivência. México. Tradutora.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo identificar el proceso de sobrevivencia de Malinche, una grande figura que hizo parte de la conquista de México por los conquistadores españoles. Ella era una indígena de la Costa del Golfo de México y enfrentó diversos desafíos de sobrevivencia durante su trayectoria de vida. Se pretende en esta escrita percibir el contexto en el que esa joven nació hasta el periodo de la llegada de los españoles a la tierra conocida como Tenochtitlán, detallar de forma breve la defensa de la imagen de Malinche en los tiempos modernos y exponer factores fundamentales que hicieron con que esta figura femenina ganase voz por intermedios de grandes historiadores y escritores y que su imagen repercutiese positivamente hasta los días de hoy.

Palabras-clave: Malinche. Joven indígena. Sobrevivencia. México. Traductora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
SESSÃO 1 – A IDENTIDADE SOCIAL DOS POVOS NAHUAS NO PERÍODO DA CONQUISTA DE TENOCHTITLÁN.....	12
1.1 – O Cenário social dos povos mexicas e a chegada de Hernán Cortés.....	12
1.2 – O olhar do povo indígena frente à violenta invasão a Tenochtitlán.....	13
SESSÃO 2 – MALINCHE E OS CONQUISTADORES ESPANHÓIS.....	19
SESSÃO 3 – UMA SOBREVIVENTE EM MEIO AO CAOS.....	27
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	36
4.1 – ANEXO A.....	36
4.2 – ANEXO B.....	37

INTRODUÇÃO

A relação História e Literatura pode se entrelaçar através de análises teórico-literárias de documentos decorrentes de relatos de viagens que atualmente chamamos de fontes documentais. Os cronistas que navegavam e viajavam por longos anos de suas vidas tinham como foco principal fornecer informações sobre as terras exploradas. Esses relatórios que os cronistas enviavam à Coroa, formaram-se os primeiros documentos que registravam uma nova formação do continente percorrido que traziam em suas escritas um valor político, histórico e literário.

Malinche foi uma mulher indígena da Costa do Golfo do México que participou do período da Conquista que iniciou no ano de 1512, quando o conquistador espanhol, Hernán Cortés, chegou à região onde hoje se localiza o território do México, servindo como intérprete aos conquistadores espanhóis durante a comunicação com os povos locais na região mexicana e como importante aliada no percurso traçado até Tenochtitlán, centro do poder mexica e destino de Cortés.

Além disso, a jovem indígena apareceu como uma das grandes figuras da literatura latino-americana no século XVI. Como forma de dote, o conquistador espanhol recebeu dos povos indígenas um grupo de vinte mulheres para trabalharem como escravas. Nesse grupo estava Malinche, uma mulher que se destacou das demais, pela sua desenvoltura e pelo conhecimento linguístico que possuía traduzindo a língua nahuatl à língua espanhola.

Inclusive, muitas foram as dificuldades que Malinche teve que enfrentar durante o seu percurso de vida, logo, pretende-se analisar com esta monografia o contexto social em que a indígena estava inserida, abordando por meio dos poucos escritos deixados pelos mexicas o sentimento que lhes sobrou devido às invasões dos conquistadores espanhóis, ademais e de forma específica buscou-se estudar o valor da sobrevivência quando se é uma mulher, escrava e indígena.

Por conseguinte, o trabalho foi separado e sequenciado em três sessões, sendo a primeira a contextualização do momento histórico e social vivenciado pelos povos mexicas para que compreendamos o cenário social que funcionava quando Hernán Cortés chega até a cidade de Tenochtitlán e veremos também o olhar do povo indígena frente à invasão dos conquistadores espanhóis, feito mediante dois poemas “*Se ha perdido el pueblo Mexica*” e “*La prisión de Cuauhtémoc*” do historiador e antropólogo Miguel León Portilla, em seu livro “*Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista*”.

Na segunda sessão, abordaremos a recepção de Malinche diante de Hernán Cortés e como surgiu essa figura no processo de conquista das cidades trazendo ao viés da literatura contemporânea por meio da escritora mexicana Laura Esquivel, o intuito é entender as reinterpretações que a autora traz sobre Malinche pelo olhar de uma mulher que pode construir o seu próprio destino para conseguir se salvar das opressões impostas pelo seu povo e pelos conquistadores.

Por fim, a terceira sessão expõe o processo de sobrevivência que Malinche enfrentou durante toda a sua vida, a começar pela sua infância, atentando ao fato de ser uma mulher, escrava e indígena. Em vista disso, a monografia presente justifica-se em virtude da figura de Malinche ter tido registros escritos pelos espanhóis e possuir uma significância tão excepcional como uma figura feminina que fez parte de toda uma execução de atividades que só eram realizadas por homens e também porque faz parte da identidade mexicana até os dias presentes.

SESSÃO 1 – A IDENTIDADE SOCIAL DOS POVOS NAHUAS NO PERÍODO DA CONQUISTA DE TENOCHTITLÁN

1.1 - O Cenário social dos povos mexicas e a chegada de Hernán Cortés

Nesta primeira sessão, faz-se necessário abordar o panorama do contexto histórico vivido pelos povos mexicas até a chegada dos espanhóis na região hoje chamada México, desde os seguintes pontos: a) o cenário social dos povos mexicas até a chegada de Hernán Cortés; b) o olhar do povo indígena frente à chegada de Cortés até Tenochtitlán.

O termo *asteca*¹ é utilizado para referir-se estritamente ao povo Nahuas, conhecidos também por povos Mexicas que eram habitantes da cidade de Tenochtitlán. O percurso desses povos em busca de uma terra prometida por seu deus, os fizeram peregrinarem por mais ou menos dois séculos, pois, segundo a tradição asteca Huitzilopochtli² anunciou que o lugar onde esses povos encontrassem uma águia sobre uma grande árvore era ali que eles deveriam construir sua cidade porque era um sinal decorrido dele.³

Durante todo o processo de chegada dos mexicas à cidade prometida, em nenhum momento eles deixaram de investir no desenvolvimento da cidade, que em pouco tempo transformou-se em uma grande esfera de status de importância, poder e domínio na região⁴. A cidade estampava uma bela organização, estava dividida em bairros denominados *calpullis*⁵ onde eram destinados à habitação, cultivo, comércio, fabricações, agricultura e funcionamento administrativo. Além disso, a organização hierárquica dividida entre os nobres era bem organizada. O povo nobre ficava responsável pelos deveres administrativos da cidade e os plebeus pelas atividades

¹ “*Asteca*” é um etnônimo criado no século XVIII pelo antiquário jesuíta Clavijero, que não se encontrará, portanto, nas fontes citadas neste trabalho. Nelas, o leitor se defronta, no entanto, com um emaranhado de etnônimos - mexicas, tenochcas, aculhuas, toltecas, chichimecas etc. - cuja elucidação exigiria uma descrição, de modo algum pacífica, de todo o processo de etnogênese do planalto mexicano”. (SCIELO, Scientific Electronic Library Online, 2009).

² “*Os deuses costumavam ser associados aos elementos da natureza, como o deus Huitzilopochtli. Considerado o deus sol e da guerra, representou a quinta idade de existência do povo asteca.*” (CHAVES, Luciane Azevedo. História das Américas I. 1ª edição. 2016, p. 45).

³ MORAIS, Marcus Vinicius de. **Os Astecas e os sacrifícios humanos**. Para entender a história, 2011. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2011/04/os-astecas-e-os-sacrificios-humanos.html>. Acesso em: 01 de mai. de 2023.

⁴ “*A estrutura urbana constitui o traço marcante da civilização asteca.*” (CHAVES, Luciane Azevedo. História das Américas I. 1ª edição. 2016, p. 47).

⁵ Calpulli, 1. m. Méx. Clan o división que constituía la unidad fundamental de la sociedad azteca. (ESPAÑOLA, Diccionario online de la Real Academia - RAE, 2022).

agronômicas e outras atividades mais simples, como o comércio⁶.

O nahuatl⁷ era o idioma oficial dos povos mexicas e suas escrituras eram expressas por meio de hieróglifos e pictogramas, forma essa usada para descrever os momentos de suas vidas e entesourar peças para que suas futuras gerações pudessem conhecer suas origens contadas pelo seu próprio povo. Com a grande inteligência que tinham para planejar, criar e organizar, os chamados tlatoanis⁸ por suas grandes divisões e métodos de trabalho, alcançaram o lago de Texcoco e aumentaram gradualmente sua produção agrícola.

Devido ao grande poderio que essa pólis possuía, Hernán Cortés ao chegar aos arredores dessa cidade ficou fascinado, em razão de que, quando o conquistador chegou até a cidade ela estava no auge do desenvolvimento. Todas as áreas comerciais, sociais, políticas e religiosas estavam funcionando ordenadamente, já que os índios que habitavam em Tenochtitlán desempenharam o seu melhor trabalho para a construção e progresso de sua cidade e, conseqüentemente do seu povo⁹. Segundo a historiadora americana Camila Townsend, *“los “astecas” eran las figuras más poderosas en el paisaje político conocido por la joven Malintzin”*(2006, p.35).

1.2- O olhar do povo indígena frente à violenta invasão a Tenochtitlán

Quando os espanhóis retornam à cidade de Tenochtitlán, Montezuma recebe uma mensagem de seus olheiros, onde dizia que na costa do mar tinha embarcações que dentro delas se encontravam homens de barba longa e pele branca. Ao ouvir de seus mensageiros essa notícia, acredita-se que Montezuma começa a pensar na possibilidade de ser o deus Quetzalcóatl e seus emissores regressando à cidade com algum intuito ruim¹⁰.

⁶ SOUSTELLE, Jacques. **A vida cotidiana: Os astecas na véspera da conquista**. Edição Integral. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1990. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4678110>. Acesso em: 05 de mai. de 2023.

⁷ *“O náhuatl é uma língua azteca que é falada principalmente por nahuas no México e na América Central. Surgiu no século VII. Com 1,4 milhões de falantes no México, a maioria bilingue com o espanhol.”* (IPOL, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, 2013).

⁸ Governante supremo del Imperio Azteca (CHILE, Etimologías de , 2001-2023).

⁹ *“Todas as testemunhas oculares - os conquistadores que, segundo a expressão de Bernal Díaz, “viram coisas nunca dantes vistas, nem mesmo sonhadas” - são unânimes em exprimir sua admiração diante do esplendor da cidade. O mais frio, o mais calculista deles, seu chefe, Cortés, louva a beleza dos edifícios e se extasia em particular com os jardins.”* (SOUSTELLE, Jacques. **A vida cotidiana: Os astecas na véspera da conquista**. Edição Integral. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1990, p.33).

¹⁰ *“Daí termos a descrição de um pronunciamento público no qual Montezuma teria falado sobre o retorno de um senhor antigo que retomaria seu reino, tendo por certo “y asi lo débéis vosotros tener, que aqueste [Carlos V] es el señor que esperábamos [...]”.* (BAENDERECK, Bruno. **Os mexicas em época de Conquista: Enunciações de sua alteridade pelos espanhóis e tezcocanos**. Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Franca. 2010, p.43).

Chegando à cidade os conquistadores ficaram assombrados com as esculturas dos deuses cultuados pelos mexicas e imediatamente (por serem muitos) derrubaram os monumentos, peças escritas e esculturas para substituírem por cruces católicas e imagens da Virgem Maria. Presumimos que para o entendimento dos povos mexicas, a substituição de seus deuses pelos deuses católicos era uma maneira de dizer que o seu povoado, crenças, histórias, origens, religião seriam destruídas porque eles não aceitariam demônios onde eles estavam (assim se referiam os espanhóis as imagens/esculturas vistas por eles)¹¹.

A vitória da guerra de Tlaxcala não foi suficiente, ao chegar às margens da lagoa Xicallanco os mandantes de Hernán Cortés sequestram 4 jovens que conforme Camila Townsend: *“habían secuestrado a cuatro muchachos, y luego se habían negado a permitirles comprar su libertad. Probablemente los querían para utilizarlos como traductores...”* (2006, p.62) e regressam para suas terras com o aviso de que voltariam.

Em 1519 Hernán Cortés e seu bando entra facilmente em Tenochtitlán, Montezuma juntamente com os nobres, governantes e príncipes decidem ir até Cortés para saudá-los e irem para o palácio, achando essa atitude muito suspeita e que poderia ser uma cilada, Hernán Cortés decide encarcerar Montezuma¹². Por uma situação inesperada, o conquistador espanhol deixa Pedro Alvarado como olheiro do exército e do prisioneiro e vai até Veracruz. Usufruindo de seu poder e de que o comandante não estava por perto, Alvarado planeja uma matança contra os mexicas aproveitando-se de uma festa que seria celebrada no templo maior, ponto central e estratégico para realizar o seu projeto¹³.

Quando os mexicas se deram conta que estavam em uma emboscada, lutaram ferozmente contra os espanhóis que dispuseram a refugiar nas casas reais para que não

¹¹ “[...] las esculturas de estos pueblos instituían una obra del demonio y ultrajaban, afrentaban al Dios católico que formaba parte de las creencias y tradiciones del “viejo mundo”. No obstante, la destrucción de aquellos ídolos, que podría parecer acertada a los ojos europeos, simbolizaba, en realidad, la derrocada de los pueblos originarios. Y predecía la catástrofe que se seguiría y que destruiría la propia civilización Azteca”. (AMORIM, Maiza Priscilla Felix. **Cantares Náhuatl: Perspectiva azteca sobre la Conquista**. 2017, p.16).

¹² “Establecidos ya los españoles en México–Tenochtitlan Motecuhzoma se convirtió prácticamente en prisionero de Cortés. Varios textos indígenas como el Códice Ramírez, la XIII relación de Ixtlilxóchitl, el Códice Aubin, etcétera, se refieren de manera directa a la matanza preparada por don Pedro de Alvarado, durante la fiesta de Tóxcatl, celebrada por los nahuas en honor de Huitzilopochtli.” (PORTILLA, Miguel León. **Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2007, p.87).

¹³ “Hernán Cortés se había ausentado de la ciudad para ir a combatir a Pánfilo de Narváez, quien había venido a aprehender al conquistador por orden de Diego Velázquez, gobernador de Cuba. Alvarado “el Sol”, como lo llamaban los mexicas, alevosamente llevó al cabo la matanza, cuando la fiesta alcanzaba su mayor esplendor.” (PORTILLA, Miguel León. **Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2007, p.87).

morressem, porém, muito das pessoas que só estavam aproveitando e cultuando o seu deus acabaram morrendo.¹⁴ O momento não era o dos melhores e a realidade dos povos mexicas como afirma Camilla Townsend era:

Habían perdido a más de doscientos veinte en unas pocas horas. Nunca antes había sucedido nada parecido, en ninguna de las batallas registradas en sus anales. No podían permitirse sostener una guerra así. Aun si finalmente lograban expulsar a los españoles, de nada les serviría. Tras perder a centenares de sus hombres, quedarían débiles e indefensos, a merced de sus enemigos. (2006, p. 66)

Com todas essas vitórias, Hernán Cortés e sua milícia retornam a Tenochtitlán e as guerras por domínio de território continuam até que matam a Montezuma. Quando os mexicas ficaram sabendo da morte de seu governante, os espanhóis estavam tentando fugir da cidade e iniciaram uma perseguição aos espanhóis que finalizou em mais uma batalha sangrenta¹⁵. Depois que ultimou mais um confronto, os indígenas pensaram que o período de paz estava iniciando, mas o que eles não esperavam é que seria mais um momento de grandes lamentações, pois uma epidemia de varíola (nome denominado nos dias de hoje para essa enfermidade) surgiu entre os mexicas¹⁶.

Fracos, debilitados, cansados, desacreditados e vencidos; era assim que encontravam-se o povo mexica. Com grande garra, força, vigor e com poucos recursos materiais para uma guerra, eles lutaram até o último minuto pelo seu povoado e pelo, o que acreditavam. Ao ver que eles se encontravam nessas condições, os espanhóis, destilaram mais uma vez de forma cruel seus ataques, dessa vez, lançaram tiros de canhão à cidade e mesmo sem condições físicas para rebater a esse ataque os mexicas se levantaram e guerrearam, porém, devido a vários dias desse acometimento, os mexicas

¹⁴ “*Vienen a cerrar las salidas, los pasos, las entradas [...] Y luego que hubieron cerrado, en todas ellas se apostaron: ya nadie pudo salir. Dispuestas así las cosas, inmediatamente entran al Patio Sagrado para matar a la gente. Van a pie, llevan sus escudos de madera, y algunos los llevan de metal y sus espadas.*” PORTILLA, Miguel León. **Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2007, p.91).

¹⁵ “*Según los mencionados informantes, Cortés hizo disparar los cañones, al entrar en las casas reales de Motecuhzoma. Esta fue la señal que dio principio a la guerra. Durante cuatro días se luchó con desnudo. Fue por entonces cuando los españoles arrojaron a la orilla del agua los cadáveres de Motecuhzoma y de Itzcuahtzin. Como escribe don Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, a punto fijo no se supo cómo murió Motecuhzoma: "Dicen que uno de los indios le tiró una pedrada de lo cual murió; aunque dicen los vasallos que los mismos españoles lo mataron y por las partes bajas le metieron la espada."* (PORTILLA, Miguel León. **Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2007, p.87).

¹⁶ “*Sin embargo, el primer presagio funesto se hizo sentir bien pronto. Se extendió entre la población una gran peste, la llamada hueyzáhuatl, o hueycocoliztli, que por lo general se piensa fue una epidemia de viruela, enfermedad desconocida hasta entonces por los mesoamericanos.*” (PORTILLA, Miguel León. **Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2007, p.111).

decidiram se render¹⁷.

Infelizmente, a vida do povo mexica depois que os espanhóis descobriram que em seu território havia riquezas e que esses habitantes poderiam fazer parte do exército de Cortés, serem batizados e se “converterem” ao deus que os conquistadores vieram instaurar no ambiente, foi desfavoravelmente uma vida de perdas sobre perdas. Miguel León Portilla, em seu livro “*Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista*”, deixa registrado textos literários que fazem parte de uma das coleções de poemas referente aos povos Nahuas. Intitulado como cantares, esses poemas/textos literários expressam a veracidade desses povos de querer transmitir e resguardar sua cultura as próximas gerações.

É dizer, essa forma de escrita foi o jeito de deixar comunicado ao seu povo e em especial aos jovens, a maneira que eles viam e observavam o mundo conforme suas tradições, costumes, história e o principal, conforme suas crenças religiosas. Os poemas que Portilla deixa registrado, retrata as pessoas que sobreviveram ao período da conquista pelos espanhóis. A temática desses versos divide-se em pontos históricos que retratam os últimos momentos do período da conquista espanhola e em outros ápices expõem de forma concreta e dolorosa os cânticos dos povos sobreviventes a destruição do que um dia fora chamada de Tenochtitlán, a cidade dos povos mexicas.

Os dois cantares que serão abordados posteriormente ocorreram para retratar todo o tormento que os mexicas sentiram ao perderem sua cidade, seu povo e o modo de vida, são eles: “*Se ha perdido el pueblo Mexica*”¹⁸ e “*La prisión de Cuauhtémoc*”¹⁹; não há sequer indícios de quem foram os autores dessas cantigas, ainda assim, Miguel León Portilla diz: “*Puede afirmarse que en varias de ellas son perceptibles la creatividad, visión del mundo, creencias y recuerdos fabulosos o históricos de los nahuas que produjeron los textos antes de la llegada de los españoles.*” (1523, p.151).

Se ha perdido el pueblo Mexica, descreve toda a lamúria que rodeou o povo asteca desde o momento em que os espanhóis chegaram até a povoação de Tenochtitlán;

¹⁷ “*Ya en tierra, los invasores empezaron a usar sus ballestas y lanzas contra los indígenas, que sólo tenían para protegerse sus cotas de algodón, obligándolos a retroceder hacia la ciudad.*” e “*Tras perder a centenares de sus hombres, quedarían débiles e indefensos, a merced de sus enemigos. [...] Ese mismo día mandaron un mensajero a pedir la paz.*” (TOWNSEND, 2006, p.65 e p.66).

¹⁸ Segundo Miguel León Portilla, em seu livro “*Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la conquista*”, conta que esse poema é: “*El primer icnociúcatl acerca de la Conquista que a continuación se transcribe, proviene de la colección de “Cantares Mexicanos” y probablemente fue compuesto hacia el año de 1523. En él se recuerda con tristeza la forma como se perdió para siempre el pueblo mexica.*” (2007, p.167).

¹⁹ No mesmo livro supramencionado de Miguel León Portilla, profere que: “*Estos poemas, con más elocuencia que otros testimonios, muestran ya la herida tremenda que dejó la derrota en el ánimo de los vencidos. Son, usando las palabras de Garibay, uno de los primeros indicios del trauma de la Conquista.*” (2007, p.167).

em seus versos sofridos estão registrados de forma ímpar os últimos momentos de um povo que estava para se render aos conquistadores. Hernán Cortés juntamente com seu exército saqueou de forma brutal tudo o que esses povos construíram com suas mãos, inclusive levaram consigo suas identidades e direitos de ser e acreditarem em quem eles bem entendessem.

A liberdade que eles possuíram e que foi saqueada está marcada nos versos: “*¡El agua se ha acedado, se acedó la comida!*” e “*¿Adónde vamos?, ¡oh amigos! Luego ¿fue verdad? Ya abandonan la ciudad de México:*”, à imposição dos espanhóis se fez tão autoritária que resultou em vidas perdidas gerando diversas incertezas e a certeza que o fim dos povos mexicas estava decretado, como vemos: “*Llorad, amigos míos, tened entendido que con estos hechos hemos perdido la nación mexicana.*”

O cantar *La prisión de Cuauhtémoc* discursa sobre tudo o que sucedeu ao decorrer dos dias de guerras. Os habitantes mexicas estavam enfrentando muita fome, falta de água e muitos não estavam aguentando e acabavam falecendo. Apreensivo com tudo isso, o tlatoani, governador do povo asteca decidiu reunir os nobres para discutirem sobre qual melhor decisão iria dar para não perder mais uma guerra. A decisão aceita era que eles tinham que continuar lutando.

Com esse decreto, muitos dos que lutavam foram mortos. Com toda essa calamidade, o governante supremo Cuauhtémoc, depois de forjar várias formas de combate aos conquistadores, decide então fugir, mas acabou sendo preso juntamente com outros reis mexicas pelos espanhóis o que vemos descrito: “*¡Ya aprehieron a Cuauhtemotzin: una brazada se extiende de príncipes mexicanos!*”, um verso que representa um grito de devastação, de desolamento de quem via em sua frente um cenário de extrema decepção para o povo/cultura asteca.

Muitas vezes o foco de um cenário de conquista centra somente nas vitórias alcançadas pelos conquistadores, porém, ao contrário do que vemos, o que foi retratado está centrado na visão, ainda que de forma subjetiva, dos povos Nahuas. Esses habitantes esperavam pelo seu deus, acreditando que ele viria para salvá-los, no entanto, concluíram que os conquistadores espanhóis não era o salvador, pois ao invés de trazê-los proteção e paz eles trouxeram destruição e muita dor para esses povos.

Esses cantares como alguns outros, é o que resta da cultura, valor, identidade, coragem, força, resistência, luta, dor, humilhação do período da conquista dos povos e terras mexicas. É a maior e viva herança deixada por uma população que resistiu, passou fome, sede, mas ainda assim, combateu ferozmente para sobreviver, não

obstante, deixaram registrado alguns dos mais tristes e dolorosos versos em memória daqueles que hoje são conhecidos pela sua grande bravura e determinação.

SESSÃO 2 – MALINCHE E OS CONQUISTADORES ESPANHÓIS

Na sessão anterior abordamos todo um contexto da identidade social dos povos mexicas com o intuito de analisarmos o cenário encontrado por Hernán Cortés quando chegou na cidade de Tenochtitlán. Malinche, ainda que tenha passado por vários povos diferentes de sua origem, era considerada uma moça indígena mexicana surgindo na história da conquista por suas habilidades em falar dois idiomas e tornar-se intérprete principal de Hernán Cortés na comunicação de diversos povos. Sua aparição juntamente com os conquistadores espanhóis nos traz alguns questionamentos sendo o primeiro deles como surgiu essa personagem no processo de conquista das cidades?

Por meio desse questionamento faz-se necessário expor como objetivo desta sessão como a figura feminina foi construída de forma contemporânea e reapresentada na literatura. Para esta finalidade, usaremos a escritora contemporânea Laura Esquivel que centra no processo de ressignificação e representação de Malinche, pois, em seu romance a escritora descreve essa personagem buscando preservar o mundo indígena, respeitando os mitos e valorizando a cultura a qual pertenceu a jovem Malinche.

Malinalli, Malintzin, Doña Marina, Malinche e também conhecida como *La lengua* foi uma indígena ameríndia que por questões de erros de traduções, pronúncias e entendimentos inexatos, abriu-se o espaço para ser denominada de várias maneiras. Essa jovem tinha por meio da palavra o domínio de transformar um pouco do que o destino lhe ofereceria. Os dados históricos a respeito de sua origem são muito escassos, quase não se tem informações concretas sobre sua vida, no entanto, Bernal Díaz del Castillo, o cronista e conquistador é o que mais relata sobre a sua existência.

Os diferentes nomes dados a Malinche indicam que sua atuação associada aos espanhóis foi de extrema importância para esses povos e a derivação de Malinalli coincide com sua vida de serva que levava antes da chegada de Cortés. Desde logo, a denominação Marina²⁰ passa a ser um nome adquirido ao ser batizada pelos conquistadores espanhóis com o acréscimo da palavra Doña; essa referência de Doña, provavelmente se relaciona com a devoção dos conquistadores católicos frente a virgem Maria sendo posto a jovem por questões fonéticas ou pela influência da facilidade do nome cristão dado a ela²¹.

²⁰ "Antes de llegar a los veinte años, la niña recibiría el nuevo nombre de Marina, que le atribuyeron unos españoles recién desembarcados, y los demás indígenas la llamarían Malinche. [...] el nombre de una persona cambiaba continuamente, según las variaciones de su situación." (TOWNSEND, 2006, p.30-31).

²¹ "No sería sorprendente, en el caos de los intentos iniciales de co-municación, que hubiera habido cierta confusión de identidad entre la mujer que hablaba de María y la María de la que hablaba: con o sin la lingüísticamente variable, Malintzin tenía todas las cualidades requeridas para ser tanto ella misma

Contudo, essa relação de confusão de nomes não faria de Malinche um ser humano ambivalente? A resposta para esse questionamento é que sim e que não. Os diversos nomes que lhe foram dados a partir de seu nome existente representou a cada etapa, momento e situação da vida de Malinche a ligação de um longo período de quem ela era antes, durante e depois da conquista. O sujeito histórico de toda essa realidade trouxe uma marca em sua trajetória de vida, um posicionamento de reconstituição de identidade, resalta González Hernández (2002, p.182):

Finalmente, Malinche, pronunciación española de la palabra azteca Malintziné o Malintzé con la que los indígenas designaban tanto a intérprete como a Hernán Cortés, adquirirá con el transcurso del tiempo las connotaciones más peyorativas. Llegará a designar más que a un sujeto real, histórico, a una figura mítica, a una permanente obsesión para los mexicanos, entre los que alcanzarán rápida y amplia difusión los neologismos malinchismo y malinchista con los que se nombrará la traición a la patria y a los traidores de todos los tiempos.

Seguindo as narrações deixadas por Castillo, Malinche nasce em Painala, filha de Chituch e Taxumal. Devido a sua cidade de nascença cair sob o domínio dos mexicas, Malinche aprende ainda criança por intermédio de um escravo o idioma nahuatl. Devido ao pai ter morrido, ela herda as responsabilidades de chefe de Painala, porém devido ao casamento de sua mãe e o nascimento de um irmão sua morte seria forjada e ela seria vendida ainda criança a mercadores pochtecas, vivendo em Xicalango como escrava, descreve Townsend (2006, p.48-49):

Malintzin pertenecía a linajes reales por ambos lados, que su padre había muerto y que su madre, vuelta a casar, quiso deshacerse de ella para que el hijo que tenía de su segundo esposo heredara en su lugar. La vendió clandestinamente a los comerciantes e hizo saber que la niña había muerto. [...] Lo que le había sucedido a Malintzin no era, en efecto, particularmente excepcional. El comercio de esclavos a larga distancia era muy activo. Cuando los mercaderes mexicas se alejaban del valle central en busca de bienes exóticos, llevaban sus propias mercancías, trabajos de los artesanos, productos agrícolas del Altiplano y esclavos. "Los esclavos que acostumbraban llevar a vender allá podían ser mujeres y niñas, o podían ser niños pequeños." A Malintzin, como solía pasar con las mujeres muy jóvenes, la vendieron más hacia el este.

Tempos depois, Malinalli foi vendida a comerciantes de Tabasco. Como forma de destaque, tornou-se bilíngue, dotada de conhecimento do idioma nahuas dos mexicas e a língua dos povos maias do sul do México²². A seguir da batalha de Centla, no sul do

(Malina, Malintzin) como una representante de la Virgen (Malía, Malitzin) de sus discursos." (TOWNSEND, 2006, p.122).

²² "Para Malintzin, el único efecto práctico sería que, cuando niña, aprendió a moverse naturalmente entre

México, os espanhóis recebem dos caciques locais diversos presentes como forma de reverência e submissão aos povos vencedores.

Os donativos dados foram joias, tecidos, galinhas, perus e o mais esperado, um grupo de vinte mulheres escravas designadas à função de cozinhar, lavar, procriar e ter relações sexuais com os conquistadores espanhóis. No meio desse grupo de escravas se encontrava Malintzin²³. Ao passar do tempo, especificamente em 1519, quando os conquistadores chegam à costa do Golfo do México, o capitão Hernán Cortés certifica se efetivamente Marina falava duas línguas, o náhuatl quanto o maia, pois, era a forma de completar a união comunicativa de intérpretes que ele precisava para continuar com o seu reinado.

Comprovando que a escrava indígena falava os dois idiomas²⁴ e também pela evidência do autor, ao traçar aspectos de personalidade, insinua que a jovem era uma mulher bonita, desenvolta e com capacidade para se relacionar e lidar com diferentes grupos. Devido à necessidade de mais uma pessoa para interpretar as questões sociais e políticas que Cortés iria enfrentar e com o fator que Jerónimo de Aguilar (atual intérprete de Hernán Cortés) só conhecia o idioma maia, decidem então nominar a Malinche como a mais nova tradutora, chamando-a de *La Lengua*²⁵.

Destacamos que pela condição de Malinche ter em seu domínio uma atividade de extrema importância e de que suas palavras eram emprestadas ao conquistador espanhol para discursar, Cortés ganhou dos indígenas a nomeação de Malinche²⁶. A

dos lenguas, o quizá más de dos; era una aptitud que iba a serle muy útil.” e “Malintzin, por su parte, había sido comprada por mayas: de eso podemos estar seguros porque pocos años después hablaba con soltura el maya chontal. También aprendió maya yucateco, una lengua sustancialmente diferente, así que sin duda, en la casa donde vivía y trabajaba, alguien provenía de Yucatán. (TOWNSEND, 2006, p.38 e p.53).

²³ *“En los siguientes días, los chontales fueron entregando a los españoles grandes cantidades de comida y de joyas de oro. También reunieron un grupo de veinte mujeres esclavas para regalárselas, en señal de sumisión. No se trataba de hijas o hermanas de los guerreros, a las que solían ofrecer en matrimonio a antiguos enemigos en señal de mistad y nueva alianza.” (TOWNSEND, 2006, p.66).*

²⁴ *“Malinizin hubiera podido mantenerse callada. Nadie esperaba de ella que se ofreciera como intérprete. Pero una hora después, al final de la entrevista, había demostrado su utilidad. El secretario y biógrafo de Cortés escribiría después que, cuando terminó, el capitán la tomó aparte con Aguilar, le preguntó quién era y le prometió “más que libertad” si aceptaba ayudarlo a encontrar a Moctezuma ya hablar con él. Sin lugar a dudas le ofreció riquezas, ya que se las prometía a cualquiera que aceptara sumarse a su causa.” (TOWNSEND, 2006, p.74).*

²⁵ *“El secretario y biógrafo de Cortés escribiría después que, cuando terminó, el capitán la tomó aparte con Aguilar, le preguntó quién era y le prometió “más que libertad” si aceptaba ayudarlo a encontrar a Moctezuma ya hablar con él. Sin lugar a dudas le ofreció riquezas, ya que se las prometía a cualquiera que aceptara sumarse a su causa.” (TOWNSEND, 2006, p.74).*

²⁶ Segundo Bernal Díaz, os indígenas agregaram o nome de Malinche com o de Cortés, fazendo com que o conquistador ficasse conhecido por Capitão Malinche. O intuito era denominar a união que os dois tinham e que sempre estiveram juntos nos acontecimentos da Conquista, como relata o próprio conquistador espanhol em sua quinta *Carta de Relación*: “Marina, a que eu sempre tenho trazido comigo” (CORTÉS, 2003, p.388) e que destaca Castillo (1999, p. 202): “[...] a causa de tê-lo posto este nome é que, dona Marina, nossa língua, estava sempre em sua companhia, especialmente quando vieram embaixadores ou práticas de caciques [...]”.

partir dessa ação começamos a avistar que a participação e atuação de Doña Marina é imensurável no processo de conquista das cidades traçadas por Hernán Cortés. Ademais, as informações relatadas são, sobretudo, dos cronistas e conquistadores espanhóis que depois de anos resolveram contar suas versões do que ocorrerá nesse período de conquista, sendo assim tomamos por testemunho o caso de Bernal Díaz que serviu como soldado a Hernán Cortés e foi presenciador primordial dos acontecimentos.

Faz-se uma ressalva que as crônicas descritas pelos conquistadores não podem ser tomadas como testemunho fidedigno da história de Malintzin pelo fator de que a representam pelo viés de seus moldes culturais e literários que em vários momentos a falsificam e ficionam sua figura. Exemplo dessa escrita, Francisco Luiz de Gómara, em suas crônicas faz comentários descritivos sobre a época da conquista e comenta sobre a figura de Doña Marina sem ao menos ter participado desse momento tão crucial²⁷. Outro exemplo é o próprio Hernán Cortés, que em suas *Cartas de relación* que eram enviadas a Carlos V, descreve de forma ilusionada sobre Malinche, mas quase sempre sem denominá-la, citando-a simplesmente por *La lengua*²⁸.

Independentemente de ser escassa a presença de documentos oficiais escritos por Malinche, supomos que sua figura passou a ser representada como alguém que portou o poder em alguns momentos de sua vida e para mais, teve sua aparição registrada (ainda que poucas vezes) nos textos espanhóis e também nos documentos leais de Tenochtitlán, como é o *Códice florentino*²⁹. Mediante à essas ocorrências citadas acima, a imagem de Malinche frente ao povo mexicano constituiu-se sob uma perspectiva negativa³⁰. As

²⁷ Segundo Carlos Fuentes: “*Bernal Díaz del Castillo reivindicava corrigir distorções de outros cronistas, principalmente de Francisco Luiz de Gómara, que não participaram da conquista. É possível que muito do descrito por Bernal Díaz del Castillo seja também invenção, como ironiza o narrador Jerónimo de Aguilar: El escritor posee una memoria prodigiosa; recuerda todos los nombres, no se le olvida un solo caballo, ni quien lo montaba* (p. 14-15).” (FUENTES, Carlos. *Las dos orillas*. El naranjo. México D.F.: Punto de lectura, 2001, p. 50-55).

²⁸ Segundo Hernán Cortés em *Carta segunda de relación*: “... a la lengua que yo tengo que es una india de esta tierra, que hube en Putunchan [...] le dijo otra, natural de esta ciudad, como muy cerquita de allí estaba mucha gente de Mutezuma junta, [...] para nos matar a todos; e si ella queria salvar, que se fuese con ella, que ella la guareceria; lo cual dijo a aquel Jeronimo de Aguilar, lengua que yo hube en Yucatan [...] y me lo hizo saber...” (CORTÉS, 1520, p.62-63).

²⁹ “*O Códice Florentino, era escrito por descendentes de inimigos dos povos mexicas. Além disso, foram redigidos no período colonial e elaborado pelo franciscano Bernardino de Sahagún com o auxílio dos alunos indígenas do Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, no México. Escrita em duas colunas de textos, a primeira em castelhano e a segunda em nahuatl, a obra ainda contém imagens confeccionadas pelos tlacuilos indígenas*”. (RODRIGUES, Flora Alice Lima. *Visões sobre a conquista de México: os relatos de Bernardino de Sahagún e seus auxiliares indígenas*. 2016. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2016).

³⁰ Octavio Paz, no livro “*El laberinto de la soledad*”, intitulado como “*Los hijos de la Malinche*” em um capítulo específico descreve sobre o povo mexicano, que valoriza mais uma cultura de outros povos que a sua própria tradição. Em outras palavras ele declara Malinche uma traidora de sua pátria e aponta que os “*malinchistas son los partidarios de que México se abra al exterior: los verdaderos hijos de la Malinche*”

referências não eram somente devido à atuação que ela tinha perante a sua função de tradutora, mas principalmente pelas informações que ela prestava aos conquistadores, como é o caso de Cholula, Malinalli informa a Hernán Cortés sobre o esquema preparado por esses povos que conseqüentemente os espanhóis armam uma cilada primeiro e fazem uma cruel matança, de acordo com Bernal Díaz:

Cómo tenían concertado en esta ciudad de Cholula de nos matar por mandado de Moctezuma, y lo que sobre ello pasó [...], y la Doña Marina fue, y les habló de tal manera, que lo sabía muy bien hacer, y con dádivas vinieren luego con ellal [...] (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 17).

É através deste cenário que nos cabe questionar qual condição teria Malinche diante dos espanhóis? É de suma importância salientar e talvez relembrar que a *La Lengua* era uma escrava sob o domínio dos conquistadores espanhóis e que ainda assim seria apropriado denominá-la de “traidora quando ela também foi escravizada pelo seu próprio povo”³¹, os indígenas? E esses acontecimentos se dão em três marcos importantes da sua trajetória de vida, i) Malinche foi vendida por sua mãe, após um novo casamento e por não querer que ela herdasse o título de cacicado; ii) a jovem indígena foi doada por seu povo com outras mulheres para os conquistadores espanhóis; iii) Malinalli foi usada por Hernán Cortés durante a invasão do México, como instrumento linguístico principal nesse processo de comunicação.

Em seus momentos de atuações, a jovem Malinche favoreceu aos espanhóis desde a perspectiva de Díaz del Castillo, porém, levando em consideração seu estado, percebe-se por meio de evidências não comprovadas, mas que de alguma maneira ela também defende o seu lado e que vê em Cortés a possibilidade de ter uma vida melhor, de ser alguém. Dando importância a todos esses fatores e outros mais que em meio a essas linhas não caberiam espaço para argumentar devido às poucas laudas que me restam.

É nesses cenários que destaco aqui todo o olhar reformulado frente a Malinche

(PAZ, 1989, p. 77). Além disso, reconhece assim que “condenamos nuestro origen y renegamos de nuestro hibridismo” (PAZ, 1989, p. 77). Diz então que o mexicano “no se afirma en tanto que mestizo, sino como abstracción: es un hombre” (PAZ, 1989, p. 78).

³¹ “En los años 1970, algunas feministas mexicanas y mexicoamericanas empezaron a cuestionar el paradigma, subrayando que la muchacha había sido entregada como esclava por su propio pueblo. ¿A quién es- taba traicionando? ¿Qué hubiera debido hacer cuando la regalaron a los hombres armados procedentes de España? ¿Acaso sus críticos hubieran recomendado seriamente el suicidio, como afirmación de su propia dignidad y de la de su pueblo? En lugar de considerarla como una maestra de la política maquiavélica, dijeron las feministas, tendríamos que reconocer que fue una víctima, y repetidas veces. Después, en los años 1980 y 1990, varios escritores matizaron esa idea y sostuvieron que tal vez no fue del todo victimizada. A final de cuentas, era sin duda una mujer enérgica y talentosa, decidida a sobrevivir.” (TOWNSEND, 2006, p.19).

pela escritora mexicana, Laura Esquivel. A autora centraliza e traz uma nova concepção à jovem indígena a partir da literatura, mas fundamentada em pesquisas historiográficas através da obra *Malinche* originalmente escrita em 2006. Por suas buscas a autora faz uma restituição fazendo uso dos mitos que rodeavam a cultura do antigo povo mexicano.

Destacarei alguns momentos de fala do romance de Laura Esquivel para compreendermos o contexto de *Malinche* por uma ótica contemporânea. Nesse primeiro momento destaco o questionamento de Esquivel frente a versão de que Malintzin é uma traidora do seu povo, a escritora preserva na personagem *Malinche* uma sensação de não pertencimento a uma comunidade muito menos a um lugar, pois, em praticamente a sua vida inteira foi uma escrava, vemos:

En el día que estaba aún por iniciar, por tercera vez en su vida, experimentaría un cambio total. Cuando el sol saliera, nuevamente la iban a regalar. No se explicaba qué podía haber de malo en su interior para que la trataran como un objeto estorboso, para que con tal facilidad prescindieran de ella. Se esforzaba por ser la mejor, por no causar problemas, por trabajar duro y, sin embargo, por alguna extraña razón no la dejaban echar raíces. (ESQUIVEL, 2006, p.9)

Além disso, o desejo de *Malinche* em possuir sua liberdade era algo imprescindível em sua busca de vida, para isso, fez-se necessário que a jovem entendesse que era indispensável se submeter aos desejos dos espanhóis e atendê-los em tudo que eles precisassem. Para tal intuito, em alguns momentos a indígena teve que revelar algumas fraquezas que Montezuma possuía e se comprometer com os assuntos de Cortés frente os mexicas. Porém, a sua liberdade era algo ainda incerto, pois suas raízes eram fincadas na escravidão e sobre isso, narra Esquivel (2006):

Definitivamente, esos hombres extranjeros y ellos, los indígenas, eran lo mismo. No quería pensar en otra posibilidad. Si había otra explicación a la llegada de los hombres que cruzaron el mar, no deseaba saberla. Sólo si ellos venían a instaurar de nuevo la época de gloria de sus antepasados, era que Malinalli tenía salvación. Si no, seguiría siendo una simple esclava a disposición de sus dueños y señores. El fin del horror debía de estar cerca. Así quería creerlo.

Para confirmar su teoría, acudió con un tlaciuhque que leía los granos de maíz. [...] Tus palabras nombrarán lo aún no visto y tu lengua volverá invisible a la piedra y piedra a la divinidad. Dentro de poco ya no tendrás hogar, no te dedicarás a la creación de la tela y la comida; tendrás que caminar y mirar y, mirando, aprenderás de todos los rostros, de todos los colores de piel, de todas las diferencias, de todas las lenguas, de lo que somos, de cómo lo dejaremos de ser y de lo que seremos. Ésta es la voz del maíz.

—¿Nada más? ¿No dice nada sobre mi libertad?

—Ya te dije lo que el maíz habló. No veo más. (p.12)

Doña Marina sabia mesmo que de maneira indireta o seu conhecimento em duas línguas (idioma maia e asteca) poderia abrir portas que ela jamais esperava. Frente a isso, ela aprende também a língua dos conquistadores e passa a protagonizar diálogos diretos com Hernán Cortés:

Ella nunca antes había experimentado la sensación que generaba estar al mando. Pronto aprendió que aquel que maneja la información, los significados, adquiere poder, y descubrió que al traducir ella dominaba la situación y no solo eso, si no que la palabra podía ser un arma. La mejor de las armas. La palabra viajaba con la velocidad de un rayo. Atravesaba valles, montañas, mares, llevando la información deseada tanto a monarcas como a vasallos; creando miedo o esperanza, estableciendo alianzas, eliminando enemigos, cambiando el rumbo de los acontecimientos. (ESQUIVEL, 2006, p.29)

Sabendo do poder que tinha em suas mãos e diante de todos os questionamentos que a escritora Laura Esquivel faz sobre Malinalli em sua obra, fica evidente que a jovem indígena foi usada também pelos conquistadores espanhóis como uma escrava, vemos:

¿Qué iba a fecundar? Ésa era la gran incógnita. Malinalli estaba convencida de que sólo había dos posibilidades: unión o separación, creación o destrucción, amor u odio, y que el resultado estaba determinado por «la lengua», o sea, por ella misma. Ella tenía el poder de lograr que sus palabras incluyeran a los otros dentro de un mismo propósito, que los arroparan, que los cobijaran o los excluyeran, los convirtieran en oponentes, en seres separados por ideas irreconciliables, en seres solitarios, aislados, desamparados, tal como ella, quien, en su calidad de esclava, por años había sentido lo que significaba vivir sin voz, sin ser tomada en cuenta e impedida para cualquier toma de decisiones. Pero ese tiempo pasado parecía estar muy lejos. Ella, la esclava que en silencio recibía órdenes, ella, que no podía ni mirar directo a los ojos de los hombres, ahora tenía voz, y los hombres, mirándola a los ojos, esperaban atentos lo que su boca pronunciara. Ella, a quien varias veces habían regalado, ella, de la que tantas veces se habían deshecho, ahora era necesitada, valorada, igual o más que una cuenta de cacao (ESQUIVEL, 2006, p. 30, destaque meu).

Recordamos que a obra de Laura Esquivel é um romance ficcional baseado em fatos históricos sobre a vida de Malinche, e que na dissertação dessa sessão atribuiu, ainda que de forma breve a posição de um discurso que retoma o passado com o intuito de questionar as visões históricas singulares que possibilitou escassas abordagens de Malintzin, nos acontecimentos da conquista. Além disso, percebemos nesse romance a desconstrução da representação de discursos tradicionais que apresentam compreensões distintas sobre uma figura feminina de tanto apreço na história da América possibilitando uma nova apresentação dos acontecimentos pertencentes à conquista do México, dar voz e destaque para uma figura de Malinche.

SESSÃO 3 – UMA SOBREVIVENTE EM MEIO AO CAOS

A sobrevivência³² é definida como o ato de permanecer vivo depois de algum acontecimento seja traumático ou não. Sobreviver pode ser caracterizado também como uma habilidade de desenvolver a autossuficiência sob diversas perspectivas de problemas. Como descrito nos capítulos anteriores, os povos mexicas e da mesma forma Malinche, tiveram um percurso de vida muito difícil com a chegada de conquistadores às suas terras. No entanto, uma das partes mais difíceis que encontramos por meio de relatos históricos é o fato de que essa jovem indígena, foi vendida a povos que eram totalmente fora do seu ciclo familiar e, além disso, ela tinha que servir como escrava. Contudo, qual a significância da sobrevivência quando se é uma mulher, escrava e indígena?

Como Doña Marina não deixou nenhum tipo de carta registrada sobre esse período faz-se necessário pressupor que o valor a se pagar para sobreviver foi muito alto. Retomamos ao ponto de que ainda criança foi vendida a povos estranhos e que depois disso passou a ser vendida/doada muitas outras vezes até chegar a ser donativo para os conquistadores espanhóis. Se Malintzin tivesse aceitado somente a função a qual lhe era proposta de ser uma escrava e concubina provavelmente ela seria mais uma anônima como muitas mulheres foram em toda a história devido às promessas de conquistadores que nunca cumpriram com sua palavra, como enfatiza Camila Townsend:

Ambos lados recordaban que los españoles, por boca de Malintzin, ofrecieron largos y formales agradecimientos, junto con la promesa de tratar bien a las jóvenes conforme a su rango. En la realidad, esas mujeres, hijas de tlatoanis y señores, iban a pasar el resto de su vida luchando por casarse y por obtener la legitimación de sus hijos; sólo unas pocas lograrían lo que querían, lo que sus padres habían tenido en mente cuando decidieron entregarlas. (2006, p. 115 - destaque meu.)

No entanto, mesmo com suas habilidades em comunicação, Malinche não passava de uma serva que prestava-se como intérprete de Hernán Cortés. Nesses momentos compreende-se que a jovem indígena era uma espécie de mulher marcante por ter personalidade, mas também era uma mulher sujeita que obedecia para obter um nome. É de suma importância ressaltar que Marina foi amante, intérprete, secretária e *La lengua* que o conquistador espanhol precisava, essa ressalva é um dos testemunhos

³² Segundo a Associação de academias da língua Espanhola, *La RAE*, a sobrevivencia es definido como: Acción y efecto de sobrevivir.

sobre a obediência que Malinche tinha para com os conquistadores, pois, mesmo tendo essas inúmeras funções ela ainda era uma mulher, escrava e indígena.

Não obstante, Malinalli vivia entre dois mundos (indígena e espanhol); mundos esses que causavam um não pertencimento a nenhum deles. Algumas decisões sobre os conquistadores e sobre sua vida era Malinche quem decidia como, por exemplo, o episódio de Cholula, quando ela descobre que os indígenas planejavam aniquilar os espanhóis e conta a Hernán Cortés que começa a traçar um plano de matança primeiro que os tlaxcaltecas. No entanto, o que esses contextos de guerras entre os povos mexicas e os espanhóis poderiam despertar em Malintzin? Teria verdadeiras razões para acreditar que melhoraria sua condição de vida?

Primeiro, pelo contexto em que estava inserida era notável que sua condição de escrava até o momento era inegável e que para se livrar dessa condição teria que ter muito mais influência do que ela possuía, visto que o momento não era favorável aos seus anseios devido ao fato de que os conquistadores precisavam demarcar seus espaços e a jovem começaria a ser uma ajudante a alcançar esses objetivos dos espanhóis. Posto que, Malinalli estava inserida em um contexto de sobrevivência que exige capacidades que vão além de um condicionamento físico, ou seja, faz-se necessário treinar o cérebro para que ele trace estratégias mentais e psicológicas para obter essa vivência e não morrer em meio a guerra.

Segundo, Malinalli treina suas emoções acreditando que os espanhóis eram a mudança que ela precisava e que poderia acontecer uma aliança entre esses dois mundos. Com o passar do tempo ela percebe que tudo o que poderia ser uma realidade não passava de suposições ou até mesmo esperanças vãs; e supomos também que eram apenas seus desejos de paz que ela almejava construir para seu povo e consequentemente para si.

Malinalli percebe que os sonhos que sonhava para si, eram apenas um sonho. Despertar para o entendimento desse cenário era entender que a jovem estava inserida em uma situação aonde perpetuava uma marginalização³³ a uma mulher que tem a bravura de ousar. Acreditamos por ser perceptível que no decorrer da trajetória de vida de Malinche, o medo tornou-se uma característica peculiar de sua figura: a solidão, a rejeição, a culpa, a conformação era aspecto que consideramos ser presentes em sua vida.

³³ Segundo la RAE: marginación es la acción y efecto de marginar a una persona o a un conjunto de personas de un asunto o actividad o de un medio social.

No entanto, como sobreviver em meio a esse caos? Infelizmente, não temos Doña Marina para responder a esse questionamento, contudo, sabe-se que além de sobreviver a tantos momentos desafiadores no período da conquista a indígena também tinha que aprender a sobreviver sobre todos os sentimentos que afloravam frente a representação do poder, que no caso de Marina era a competência linguística nos idiomas predominantes ao seu círculo de vivência.

As circunstâncias que fizeram com que Malinche sobrevivesse foi descrito em toda essa monografia, sua luta pela vida, por um lugar que ela podia chamar de seu começa desde o momento de seu nascimento até o convívio com os conquistadores, porém, o ponto principal que chamamos hoje em dia de “uma esperança no fim do túnel” era que a indígena escrava sonhava em ter uma vida melhor e também ter a liberdade de poder ir e vir sem que fosse vendida a povos totalmente desconhecidos e ter que se adaptar a toda uma cultura cada vez que ela mudava de povoado, como enfatiza Townsend:

Así fue como muchos hombres y mujeres jóvenes que habían sido esclavos entre los mayas, como *había sido el caso de Malintzin no tantos años antes, de repente amanecieron en la panza de un navío español que bogaba hacia el este, vomitando sobre sus grilletes en su travesía hacia una muerte temprana. Malintzin había encontrado un camino para salvarse de su propia indefensión: sin duda los demás hubieran hecho lo mismo, si sólo hubieran podido.* (2006, p. 233 - destaque meu.)

Renovar e sobreviver era uma tarefa árdua que Malinalli enfrentava a cada vez que se transportava de um lugar a outro principalmente porque a indígena estava inserida em um contexto de guerra não só físico, mas também emocional. A culpa de cada enfrentamento sangrento não era dela, contudo, o sentimento de não ter em suas mãos o poder de controlar Cortés ante os inimigos ou até mesmo por acreditar que em algum momento os espanhóis poderiam ser a personificação dos deuses que eles esperavam, sobrecarregava os ombros de Malintzin.

Conjecturamos que esses sentimentos que existem em Doña Marina se faziam presentes por causa da sua posição de intérprete de Hernán Cortés, pois, era um cargo que só homens ocupavam e o simples fato de uma mulher, escrava e indígena adentrar nesse mundo masculinizado era uma afronta. Sabe-se que nesse período os homens sempre foram o auge de todo cargo importante na sociedade, muitos homens e até mulheres concordavam com as tradições predeterminadas a cada homem e mulher, ou seja, para esses padrões, Doña Marina era para ser responsável somente pelas atividades de serva.

Além do mais, esses padrões de marginalização da mulher, em geral, faziam com que elas não se sentissem à vontade para exercer seu papel em meio a tantas críticas. Através de tudo isso, Marina sobrevivia mesmo com a culpa de algumas decisões, o medo de errar e a pressão psicológica que tinha que carregar por ser uma mulher que queria ir além do que a sociedade já tinha definido para ela. Independentemente de ter uma posição prestigiada junto a Hernán Cortés, Malinche dependia da afirmação de seu senhor, para exercer sua atuação.

Muitos foram as buscas de Malinche pela sobrevivência, um acontecimento que também marca o decorrer de sua trajetória é que com o passar do tempo, depois de muitas vitórias alcançadas por seu intermédio à Hernán Cortés, ele a entrega a seu amigo e intérprete primário, Juan Jaramillo. Esse ato de entrega denomina mais uma vez a posição de escrava que a indígena nunca pode se livrar, vemos presente quem detém em suas mãos o poder de comando, inclusive sobre a vida e o corpo de Marina que experiência mais uma vez a humilhação e a dor de não poder ser totalmente livre e dona de sua vida, detalha Townsend:

Algo muy importante desde su punto de vista es que durante el viaje se casó con un español: se unió en cristiano matrimonio con Juan Jaramillo, uno de los capitanes del primer grupo de Cortés.
[...] De acuerdo con este guion, Cortés, que no tenía intención de casarse con una indígena ni siquiera, por lo visto, de mantenerla disponible como amante, la casaba para así librarse de ella; Malintzin, en ese supuesto, tuvo que aceptar su decisión pasivamente y derramar sus lágrimas en privado.” (TOWNSEND, 2006, p.213 e 215 - destaque meu).

Sobreviver é a palavra que Malinche trazia arraigada no mais profundo de suas entranhas. O processo da sobrevivência incluía muito além do que foi dissertado nessas linhas. Para se salvar fez-se necessário também que a jovem, mulher, escrava e indígena aprendesse e reaprendesse tudo da vida de um povo/cultura que estava adentrada. Relembrando e analisando esse percurso me inquieta uma questão: quantas vezes foi necessário fazer esse exercício de se ressignificar a cada novo percurso traçado por Marina e os conquistadores espanhóis?

Muitas foram as vezes em que ela precisou se reencontrar para que em meio a tantas mudanças e a tanto caos em sua vida o essencial de quem era Malintzin não fosse perdido. Ressignificar-se no centro de tanta desordem foi uma habilidade desenvolvida pela indígena, mesmo sabendo que possuía vários nomes no decorrer de sua caminhada ela não se perdeu pelo motivo principal e genuíno: ela sabia quem era e o que buscava. Frente a isso, pensamos que Doña Marina cativou a todos em sua volta com seu jeito

bondoso e principalmente aos tlaxcaltecas, descreve Townsend (2006, p.102):

De acuerdo con la memoria cultural de Tlaxcala una generación más tarde, los tlaxcaltecas le tenían cariño y confianza a su traductora. Indudablemente, ocupaba un lugar importantísimo en su memoria y aparece en docenas de las ilustraciones de la Conquista que proliferaron en la ciudad y sus alrededores. (destaque meu)

Por meio de sua competência linguística, ousadia e vontade de obter permanentemente sua liberdade, a sobrevivência traz a Malinche o alcance de experiências de vida, poder e alguns presentes como forma de compensação por tudo o que ela representou para os conquistadores espanhóis. Um dos pontos importantes dos resultados alcançados por Malinche, segundo Townsend foi: “Por el contrario, era una persona independiente, plenamente adulta y con un papel muy público. Asumía su propio lugar, día tras día, en el mundo de los conquistadores.” (2006, p.242)

O fato de Malinalli ser uma mulher valente isso já sabemos, porém, algo muito importante a ressaltar nessas linhas é que em meio a todas essas turbulências a mulher indígena nunca deixou um dia sequer de demonstrar as suas origens, vemos: “Muchos testigos que pertenecían al círculo íntimo de Malintzin declararon más tarde en varios tribunales que doña Marina siguió usando su ropa indígena hasta sus últimos días.” (Townsend, 2006, p.244)

Além de demonstração de quem era Malinche era necessário compreender que seus filhos seriam uma mestiçagem desses dois mundos e que eles carregavam o sangue indígena em suas veias. Martín, filho de Hernán Cortés e Maria, filha de Juan Jaramillo, acredita-se ser um dos maiores resultados de tantos esforços de sobrevivência da indígena. A ocorrência de saber que os seus filhos iriam ter uma vida totalmente diferente da sua, suponhamos pelo viés sentimental de uma mãe que só quer o bem para os filhos, que Malinche já se sentia muito mais privilegiada do que poderia ser, ressalta Townsend:

En la más difícil de las situaciones, Malintzin demostró la misma entereza, la misma confianza en la vida frente a la muerte, el mismo tipo de orgullo, y finalmente consiguió colocar a sus hijos y a los hijos de sus hijos en posiciones mucho más sólidas que las que parecía reservales el destino. (2006, p. 302)

[...] gracias a ella y a sus esfuerzos sobrevivieron a la infancia, se ganaron un lugar propio en el mundo de los vencedores y a su vez tuvieron hijos. Esos hijos de sus hijos honraron a su abuela y les enseñaron a sus hijos a honrarla. Si acaso la sombra de Malintzin sigue caminando en la tierra y llora quizá sea porque la posteridad le regatea a ella, una mujer indígena cautiva que sobrevivió lo mejor que pudo, ese mínimo consuelo. (2006, p.304 - destaque meu)

Malinche alcança tantas vitórias pela habilidade de se reconstruir em meio ao novo e sobreviver em meio ao caos que essas linhas não são suficientes para tamanha dissertação, todavia, um triunfo de grande importância para essa mulher, escrava e indígena nesse período tão dificultoso foi obter privilégios além do que a sociedade poderia oferecer para uma mulher, sinaliza Townsend:

Sin duda, desde el punto de vista de una mujer nacida en una sociedad teocrática, tributaria y poligámica, Malintzin podía estar satisfecha: confraternizaba con sacerdotes y gobernantes, recibía tributos de vasallos y, por lo menos de momento, era la madre del heredero. No tenía motivo alguno para buscar un cambio radical en su vida o para correr el riesgo de perder todo lo que tenía. (2006, p. 218)

Aliás, casar-se com alguém poderoso e de grande status social era um acontecimento de grande importância nesse período, principalmente pelos costumes mexicas onde acreditava que a mulher estaria assegurada e apesar de grande dificuldade, Malinche logrou esse acontecimento que segundo Townsend:

La alianza matrimonial más ventajosa, de mejor nivel, que podía pretender era sin duda casarse con uno de los capitanes del primer grupo de Cortés, uno que tuviera derecho a proclamarse hidalgo. Y lo admirable es que eso es precisamente lo que consiguió. Es común suponer que la casaron con un borracho plebeyo para deshacerse de ella, pero la verdad es que Malintzin obtuvo un marido bastante bien ubicado y útil para sus propósitos. (2006, p. 221)

As grandes ações de Malinche repercutem até os dias de hoje e são muito as razões pelas quais as recordamos com orgulho. Cabe ressaltar que a indígena foi uma excelente tradutora e que em meio a essas ações também comunicou o papel de mediadora política e de conflitos entre povos. Depois que Malinche morreu, seu talento em meio a conquista perpetuou de maneira a transformar a comunicação, Townsend afirma:

Años más tarde, después de la muerte de Malintzin, viejos conquistadores recordarían en varias ocasiones que uno de sus principales talentos había sido su capacidad de convencer a otros indígenas de lo que ella misma veía con claridad: que a largo plazo era inútil oponerse a las armas de metal y a los navíos de los españoles. (2006, p. 155 - destaque meu)

O empoderamento por proferir palavras e reinterpretá-las de maneira que Malinche acreditava ser o melhor modo de compreensão para os povos são inevitáveis não ressaltar nesse percurso final. Por meio dessa habilidade, Hernán Cortés a nomeia chefe das tropas oficiais com o intuito de que a indígena ensinasse as ordens e todo o

regulamento militar dos espanhóis para os novos soldados indígenas. Com isso, Marina adquire uma nova função a de ensinar e junto com os novos militares ela também aprende sobre todas as normas militares dos povos conquistadores.

A história de vida e de sobrevivência dessa figura tão importante para a conquista dos povos mexicanos é marcante. A compreensão da imagem e a representação de Doña Marina durante o período da conquista fez com que muitas indagações fossem feitas com o objetivo de transformar a visão do passado e reestruturar a identidade de personagens que foram estigmatizados por uma história que privilegia somente uma versão, a contada por quem tem o domínio do poder e do discurso.

CONCLUSÃO

Desde que os navegadores chegaram até a América encontraram diversas novidades que geraram suas histórias de navegações. Esses documentos iam se constituindo pela visão do “Novo Mundo” em que se registravam uma nova jornada de quem presenciou momentos de perdas e ganhos. No cenário da Conquista, muitos foram as pessoas que perderam suas vidas com a tentativa de manter vivo toda cultura que a eles pertenciam. Infelizmente, vimos como resultado dessas ações que para os mexicas o que restou foi dor, sofrimento e uma sociedade arruinada pelos conquistadores espanhóis. Além disso, por mais que especulamos que Malinche tenha tentado salvar esses povos não têm provas para argumentar tal pensamento.

Com o objetivo de entender como ocorreu a ressignificação da personagem Malinche por meio da literatura contemporânea, fez-se necessário a utilização da obra ficcional da escritora mexicana Laura Esquivel que nos trouxe argumentos sobre a atuação dessa figura como mulher no século XVI relacionando-a com as suas obrigações como escrava, mas que atuou além de seu tempo e deveres, convivendo entre dois mundos e que atuou como intérprete e tradutora entre os conquistadores e os povos conquistados.

Para uma análise mais aprofundada, foi necessário recorrer aos textos escritos no idioma original (espanhol), pois, os livros utilizados para a análise não está traduzido e também não possui muitos exemplares adaptados, o que assegura uma abordagem mais precisa e uma investigação mais profunda dos textos. Além disso, pretendeu-se a partir de leituras teóricas sobre Malinche obter resultados da importância social e histórica que essa personagem desenvolveu.

Por fim, conclui-se que o processo de sobrevivência em termos de guerra ou momentos difíceis da vida cotidiana é possível de sobreviver e marcar grandes gerações. O estudo da personagem Malinche, marca positiva e negativamente a alguns, mas esses relatos também são visões que contribuem para que as figuras femininas que foram apagadas de histórias tão importantes virem mais que um valor histórico. Além disso, esse estudo faz-se relevante para reivindicar as vozes dessas mulheres na escrita (ainda que não tenhamos registro do posicionamento de Malinche), reajustando aspectos primordiais que formam toda uma sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia verdadera de la conquista de la nueva España.** Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1964

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia verdadera de la conquista de la nueva España.** 1522. Mexico, D.F.: Editorial Porrúa, 2007.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia Verdadera de la conquista de la Nueva España.** In: SERNA, M. (org.). *Crónicas de Indias: antología.* Madrid: Cátedra, 2007. Cap. 3, p.321-396

ESQUIVEL, Laura. **Malinche.** 1ª Edición Punto de Lectura, 2011.

HERNÁNDEZ, Cristina González. **Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana.** Madrid: Ediciones Encuentro, 2002.

PORTILLA, Miguel León. **Cantares Mexicanos. Volumen I.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.

PORTILLA, Miguel León. **Visión de los vencidos. Relaciones indígenas de la Conquista.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1959.

TOWNSED, Camila. **Malinche, una mujer indígena en la conquista de México.** 1ª edición en Biblioteca Era, 2015.

ANEXOS

ANEXO A:

(Autor desconhecido).

El llanto se extiende, las lágrimas gotean allí en

[Tlatelolco.

Por agua se fueron ya los mexicanos;

semejan mujeres; la huída es general

¿Adónde vamos?, ¡oh amigos! Luego ¿fue verdad?

Ya abandonan la ciudad de México:

el humo se está levantando; la niebla se está

[extendiendo...

Con llanto se saludan el Huiznahuácatl

[Motelhuihtzin.

el Tlailotlácatl Tlacotzin,

el Tlacatecuhtli Oquihtzin . . .

Llorad, amigos míos,

tened entendido que con estos hechos

hemos perdido la nación mexicana.

¡El agua se ha acedado, se acedó la comida!

Esto es lo que ha hecho el Dador de la vida en

[Tlatelolco.

Sin recato son llevados Motelhuihtzin y Tlacotzin.

Con cantos se animaban unos a otros en

[Acachinanco,

ah, cuando fueron a ser puestos a prueba allá en

[Coyoacan. . .

ANEXO B:

(Autor desconhecido).

¡Es cercado por la guerra el tenochca;

es cercado por la guerra el tlatelolca!

Ya se ennegrece el fuego, ardiendo revienta el tiro:

ya la niebla se ha difundido:

¡Ya aprendieron a Cuauhtemotzin:

una brazada se extiende de príncipes mexicanos!

¡Es cercado por la guerra el tenochca;

es cercado por la guerra el tlatelolca!

Pasados nueve días son llevados en tumulto a

[Coyohuacan

Cuauhtemotzin, Coanacoch, Tettlepanquetzaltzin:

prisioneros son los reyes.

Los confortaba Tlacotzin y les decía:

"Oh sobrinos míos, tened ánimo: con cadenas de

[oro atados.

prisioneros son los reyes."

Responde el rey Cuauhtemotzin:

"Oh sobrino mío, estás preso, estás cargado de

[hierros.

"¿Quién eres tú, que te sientas junto

[al Capitán General?

"¡Ah es doña Isabel, mi sobrinita!

"¡Ah, es verdad, prisioneros son los reyes!

"Por cierto serás esclava, serás persona de otro:

"será forjado el collar, el quetzal será tejido,

[en Coyohuacan.

"¿Quién eres tú, que te sientas junto

al Capitán General?

"¡Ah es doña Isabel, mi sobrinita!

¡Ah, es verdad, prisioneros son los reyes!